

DOMINGOS PELLEGRINI NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

Lucas Vieira de ARAÚJO (UEL)

ISBN: 978-85-99680-05-6

REFERÊNCIA:

ARAÚJO, Lucas Vieira de. Domingos Pellegrini na historiografia literária. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 601-610.

Domingos Pellegrini Júnior é um autor que faz parte do círculo de leitura de muitas pessoas em todo o Brasil. Além dos vários prêmios que recebeu, entre eles destacam-se duas edições do Jabuti, em 1977 com *O Homem Vermelho* (PELLEGRINI 1977a), e em 2001 com *O Caso da Chácara Chão* (PELLEGRINI 2000), e outras duas edições do Prêmio Fernando Chinaglia II, da União Brasileira de Escritores, em 70 e 74, e das obras que se dirigem de adolescentes a adultos, Pellegrini tem um grande número de livros que ultrapassaram a casa de 50 edições vendidas, algumas delas passando da marca de 30 mil exemplares. Isso não o torna um fenômeno de vendas, como ocorre com determinados escritores, mas o coloca em um grupo seletivo de autores que têm o nome projetado nacionalmente e até internacionalmente – existem obras publicadas em países como Estados Unidos, Itália e França (PELLEGRINI 2006).

Apesar dessa notoriedade entre o público e parte da crítica, comprovada pelos prêmios e pelo grande número de edições, Pellegrini não é citado por alguns historiadores da literatura brasileira e autores de antologias e compilações de obras consideradas de “maior valor literário”. Além disso, é importante avaliar qual o espaço destinado ao escritor paranaense, entre os que o citam. Contudo, antes de analisar este aspecto, é importante questionar como é feita esta história literária e partir de quais critérios são escolhidos os autores que serão imortalizados nos livros de história literária.

Os estudos de história literária e formação do cânone buscam delimitar o terreno dúbio e parcial do que é mais ou menos relevante para a literatura. Um julgamento que segue determinados padrões estéticos e de conteúdo, mas que também trabalha com valores pessoais de quem forma o cânone e, por conseguinte, a história literária. Antes de falar sobre a autoridade de quem faz o cânone, cabe ressaltar a necessidade de fazer a revisão do cânone. Segundo Coutinho (1996: 70)

A questão do cânone constitui uma das instâncias mais vitais da luta contra o eurocentrismo que vem sendo travada nos meios acadêmicos,

pois discutir o cânone nada mais é do que pôr em xeque um sistema de valores instituído por grupos detentores do poder, que legitimaram decisões particulares com um discurso globalizante. Um curso sobre ‘as grandes obras’, por exemplo, tão freqüente na Literatura Comparada, quase sempre esteve circunscrito ao cânone da tradição ocidental.

Sendo o cânone, segundo Coutinho, um juízo de valor exercido por grupos de poder que detêm a hegemonia política, econômica e cultural, torna-se necessário repensar de que forma o cânone deve ser repensado para que ele traduza elementos que são realmente representativos de um povo ou de um país, e não tão somente as preferências de grupos que estão no poder. Porém, questionando-se os critérios usados pelos grupos que se impõe sobre os demais, fica o questionamento então de quais seriam as formas corretas de se fazer o cânone, e se não mais assentado sobre as premissas de poder, sobre quais pilares deveria se assentar as bases do cânone mundial? Coutinho (1996) acredita que esta pergunta inquieta estudiosos em todo o mundo, preponderantemente em países pobres, ex-colônias, que sofreram forte influência européia na formação do cânone nacional (COUTINHO 1996: 72) “O cânone ou cânones literários dos diversos países latino-americanos eram constituídos por critérios estipulados pelos setores dominantes da sociedade, que reproduziam o olhar europeu, principalmente ibérico, à época da colônia, e posteriormente, após a independência política, de outros países, mormente a França.”

Também segundo Coutinho (1996), uma das formas de repensar o cânone marcado pelos valores europeus, seria a busca de uma visão multifacetada, na qual sejam respeitadas diferenças entre religiões, povos, homens e mulheres e todo o tipo de diferença que possa provocar alguma dicotomia. (COUTINHO 1996: 71)

Conscientes de que não se trata de uma simples inversão de modelos, da substituição do que era tido como central pela sua análise periférica, os comparatistas atuais questionam a hegemonia das culturas colonizadoras e abandonam o paradigma dicotômico e se lançam na exploração da pluralidade de caminhos abertos como resultado do contato direto entre colonizador e colonizado.

Esta forma diferente de pensar o cânone esbarra em um problema delicado: como se produzir e criar a história, já que o cânone é um catálogo a ser seguido? Se o cânone é uma regra, logo, baseia-se na história para ser criado, por isso surge o questionamento das técnicas empregadas para se fazer a história, seja a literária ou a chamada história geral. A suposta existência de dois tipos de história é outro ponto que vem gerando debates calorosos entre pesquisadores e historiadores, já que está em jogo o conceito de história que traga tudo, ou história totalizante. O estudioso alemão Hans Gumbrecht acredita que (GUMBRECHT 1996: 225) “Somente o desaparecimento do conceito global de ‘história’, no horizonte temático da história da literatura, possibilita a transição para a historiografia literária (não-marxista) dos séculos XIX e XX”. A partir do momento que a história deixou de ser considerada como algo que engloba “tudo”, ou seja, todos os acontecimentos possíveis de determinada época, é que a história da literatura pode ser “criada”, como se a literatura fosse uma espécie de fragmento da história, sem que seja necessariamente parte do todo. Gumbrecht exemplifica o que viria a ser esta literatura como fragmento da história falando da descoberta de partes de textos

da literatura alemã durante a Idade Média. Após alguns estudos, percebeu-se que aqueles textos (GUMBERCHET 1996: 225) “não eram sintomas de uma fase de desenvolvimento histórico, mas partes de um mundo ideal glorificado na retrospectiva, que deveria ser levado gradativamente ao presente – por assim dizer de forma ‘cumulativa’, ‘trazendo à luz o que o descaso de gerações anteriores havia sepultado no esquecimento’”.

Por meio de descobertas, como a citada por Gumbercht, chegou-se a conclusão de que a história não pode ser vista como algo linear e lógico, que consegue mostrar absolutamente tudo o que ocorreu em determinada época. Dessa forma, a literatura precisou também reencontra-se no tempo, já que a história “tradicional” mostrou-se ser incapaz de traduzir o todo. (GUMBRECHT 1996: 227)

Com o desaparecimento da pressuposição de uma evolução dirigida da história, desapareceu também a concomitância, até aqui evidente, entre a localização histórica das obras literárias e seu julgamento estético; não havia mais nenhum princípio ou ‘lei básica’ da história que pudesse legitimar o valor cognitivo privilegiado de ‘grande literatura’, nenhuma hierarquia de valor entre as épocas sucessivas, da qual se pudesse deduzir tal posição estética na escala de valores.

A visão de Gumbrecht na qual não existe uma história totalizante é partilhada pelo professor Vander Melo Miranda da UFMG. O professor acredita que para fazer uma história literária é preciso três fatores (MIRANDA 1995) (a) perder a noção de continuidade da história; (b) ter em mente que a história como curso unitário é uma representação feita pela elite, que só deixa para o passado o que é conveniente aos grupos que detêm o poder; e (c) é preciso seguir o exemplo de escritores, como Ricardo Puglia e Silviano Santiago, que vêem a nação como algo que reúne diversos pontos de vista sobre os assuntos mais importantes do dia-a-dia. Miranda também cita o trabalho de Homi Bhabha (BHABHA 1990), para o qual é preciso fazer literatura mostrando que existem outras manifestações além do “oficial”.

Levando-se em conta, portanto, a necessidade de revisar essa história literária, arraigada de valores que não trazem as vozes das minorias e que ainda está presa ao conceito de uma história totalizante, volta-se a questão da autoridade de quem cria o cânone, ou a autoridade de “quem fala”. Para CORREA (1995: 324)

o agente da formação de um cânone detém poderes reconhecidos pela sociedade em que se insere. O consenso do grupo em torno de certos valores se dá a partir da aceitação da autoridade que os define, que está baseada no princípio da experiência, no qual o velho ensina ao jovem. (...) A preservação do passado, conservadora por natureza, é feita por uma comunidade cuja função é discernir entre a autenticidade ou não de uma obra.

Se cabe ao velho discernir entre o bom e o ruim, o que deve ser deixado na história e o que deve ser relegado ao esquecimento, será através do estudo de histórias literárias, compilações, antologias e obras do gênero que se chegará a conclusão de quais são os escritores que fizeram, na opinião dos autores destas historiografias literárias, obras dignas de serem registradas e guardadas na memória da comunidade.

Um dos autores que busca fazer uma compilação de autores e obras importantes para a literatura brasileira é Domício Proença Filho, reconhecido estudioso da literatura brasileira, que, entre outros, escreveu cinco livros denominados *Estilos de época na literatura*, nos quais o autor se propõe a retratar a história da literatura brasileira com características pertinentes a cada período literário e os respectivos autores de destaque. No livro mais recente publicado por Proença Filho, dentre aqueles denominados acima, de 1992, o último capítulo é reservado para o pós-modernismo, período literário que, segundo o autor, começa no fim da década de 50 e vai até os dias atuais –no caso, até 1992. Neste trecho, Proença Filho fala da poesia concreta, da poesia práxis, e cita muitas dezenas de nomes de autores que estão fazendo literatura contemporânea, segundo o próprio Proença Filho. Ele separa estes escritores em grupos de acordo com o gênero literário produzido, assim sendo, poesia, romance, conto e crônica. Quando chega no conto, o autor apenas cita o nome de Domingos Pellegrini, assim como faz com autores mais renomados como Lygia Fagundes Telles e Dalton Trevisan. Todavia, nas edições anteriores de *Estilos de época na literatura*, Proença Filho não cita Domingos Pellegrini.

Na edição de 1983 (PROENÇA FILHO 1983) Proença filho também faz referência a diversos autores brasileiros contemporâneos, assim como na edição de 1992, mas não cita o autor londrinense, embora seis anos antes, em 1977, Pellegrini Júnior tenha sido agraciado com o Prêmio Jabuti pelo livro de contos *O Homem Vermelho* (PELLEGRINI 1977a). É importante ter em vista que o Prêmio era e continua sendo um dos mais importantes, senão o mais relevante, da literatura nacional, e que o mesmo é de âmbito nacional, ou seja, lança os premiados ao panteão dos escritores mais representativos das letras nacionais. Já nas edições de 1972 (PROENÇA FILHO 1972) e 1967 (PROENÇA FILHO 1967) não é de se estranhar a não referência a Pellegrini pelo fato do trabalho do escritor ainda estar em um estágio de iniciação. Assim como pode-se questionar qual a razão para a ausência de Pellegrini em uma obra de compilação da literatura nacional datada de 1983, também é passível de dúvida porque Proença Filho não fala do autor paranaense na obra *Pós-modernismo e literatura* (PROENÇA FILHO 1995), na qual o autor também cita diversos escritores que, segundo ele, apresentam traços pós-modernos. O curioso é Proença Filho classifica Pellegrini em *Estilos de época na literatura*, de 1992, como sendo pós-moderno, já que aquele afirma (PROENÇA FILHO 1992: 371)

No caso do Brasil, parece repetir-se, no nosso entender, o que aconteceu no Modernismo, em relação à modernidade: a arte literária que se realiza no país a partir, aproximadamente, de 1955 até os dias atuais, 1987, traz a marca da especificidade em relação aos traços culturais predominantes na contemporaneidade dos países desenvolvidos e só em alguns pontos concretiza dimensões pós-modernas.

Se a produção literária nacional tem traços pós-modernos e Pellegrini está situado no período destacado pelo autor como pós-modernismo –mesmo tendo em vista que no Brasil o pós-modernismo tem características próprias, assim como ocorreu com o Modernismo local em relação ao Modernismo europeu, como acentua o próprio Proença Filho–, cabe um questionamento do porquê da omissão do nome do autor paranaense.

O professor Antonio Hohlfeldt em *Conto brasileiro contemporâneo* (HOHLFELDT 1988), além de citar Pellegrini Júnior também destaca qualidades do autor paranaense. Segundo Hohlfeldt

A bebida, o bar, um universo marcado por tipos que raramente possuem empregos contínuos, sob o influxo das transformações macro-estruturais provocadas pela introdução de moderna tecnologia na área rural, compõe o pano de fundo para as ações que Domingos Pellegrini Jr. fixa em seus contos. (...) a obra deste paranaense (...) é um dos mais lúcidos e fortes depoimentos em torno da marginalização rural, da migração campesina, da transformação das mini-propriedades em latifúndios marcados pela desagregação familiar.

Hohlfeldt faz comparações entre Pellegrini e Deonísio Silva no que diz respeito ao universo criado pela obra literária de ambos, notadamente em relação ao ambiente familiar, e também com o mineiro Oswaldo França Júnior na obra *Jorge, um Brasileiro*, pelo tipo de personagem criado pelos dois, já que ambos costumam povoar seus romances e contos com prostitutas, camelôs, donas de casa e pequenos agricultores. Outro aspecto destacado pelo professor são as obras do autor paranaense voltadas para o público infanto-juvenil. Pellegrini é classificado por Hohlfeldt na categoria de contista sócio-documental, no qual também estão inseridos autores como Herberto Sales e Ricardo Ramos. Esta categoria seria antecessora ao conto de 80, segundo o professor, e teria como traço forte e dominante as características regionais.

Seguindo a linha regionalista, Marilda Binder Samways faz um levantamento da literatura paranaense no qual cita Pellegrini, afirmando que a produção contística dele (SAMWAYS 1988: 126) “volta-se, quase toda ela, para os casos havidos no tempo pioneiro do norte do Paraná”. Porém, a autora adverte que (SAMWAYS 1988: 126) “Pellegrini não é apenas um narrador que relata pelo simples prazer de relatar. Seus textos envolvem a natureza humana, busca conhecer com profundidade a trama existencial do ser colocado num universo inóspito, agressivo”.

Já Fábio Lucas, em *O livro do seminário*, faz apenas menção a Pellegrini afirmando (LUCAS, Fábio, in PROENÇA FILHO (org.) 1983: 160) “Da década de 60 em diante, o número de contistas no Brasil tornou-se uma legião. Francamente, julgamos impossível realizar uma enumeração exaustiva”. O autor afirma ser impossível citar todos os autores, já que Lucas se propõe a falar sobre o conto moderno brasileiro.

O livro *Histórias de um novo tempo: o novíssimo conto brasileiro* (PELLEGRINI et.al 1977), não é uma antologia, já que se denomina novíssimo. A proposta da obra, de autoria dos seis escritores que publicam seus contos na mesma, é notadamente divulgar o que os autores produziram de melhor ou mais recente. A particularidade do livro fica por conta de dois aspectos. O primeiro é a data de publicação, 1977, ou seja, o mesmo ano da publicação de *O Homem Vermelho* (PELLEGRINI 1977a), obra que alçou o nome de Pellegrini ao panteão dos escritores nacionais reconhecidos pela Academia. O segunda, são os contos escolhidos para fazer parte de *Histórias de um novo tempo: o novíssimo conto brasileiro* (PELLEGRINI et al. 1977), “Mãe” e “A Maior Ponte do Mundo”. Ambos fazem parte da obra *O Homem Vermelho* (PELLEGRINI 1977a), que foi publicado meses antes daquele. O conto “A Maior Ponte do Mundo” tem outro aspecto interessante. Ele foi escolhido para fazer parte da antologia *Os cem melhores contos do século* (MORICONI 2001), organizado pelo professor carioca Ítalo Moroconi. A obra, subdividida em seis partes, que vão de

1900 aos anos 90 do século XX, cita em torno de 50 autores, alguns mais de uma vez, que segundo Moriconi foram escolhidos (MORICONI 2001: 11) “não (por) critérios acadêmicos e sim (por) critérios de gosto e qualidade.” O professor também afirma que (2001: 11)

como leitores ‘normais’ que simultaneamente somos, pois também curtimos (sic) a literatura para além das polêmicas doutrinárias, sabemos muito bem que existem o bom e o ruim, o perfeito e o ridículo, o eterno e o anacrônico. Sabemos também que sempre é possível separar joio do trigo. Caberá ao leitor desta coletânea julgar como me saí na tarefa e avaliar se os *contos aqui apresentados são realmente excelentes* (grifo nosso), como acredito que são.

Lembrando a discussão em torno do cânone e da voz da autoridade de quem fala (CORREA 1995), é um tanto que discutível pensar nos critérios de qualidade, apontados pelo professor, e na visão do leitor, que pode discordar dele na seleção dos textos. Este posicionamento reforça ainda mais a idéia de que o cânone está pautado, entre outros aspectos, por critérios de gosto, que são discutíveis na medida que representam valores individuais, como o próprio Moriconi afirma, e na autoridade de quem está falando, ou seja, escolhendo o que deve e o que não deve ficar para a história, no caso o autor londrinense Domingos Pellegrini. Se o professor não tivesse incluído Pellegrini em *Os cem melhores contos do século* (MORICONI 2001), o autor paranaense não seria considerado um escritor “maior”, já que o próprio Moriconi diz que os contos são excelentes e merecem ser vistos como tal.

São posicionamentos como esse que reforçam a presença de determinado autor nos meios de comunicação de massa, fortemente influenciados por antologias e reuniões de textos tidos como “superiores”, além do prêmio oferecidos pela academia e por órgãos reconhecidos por autoridades literárias. Prova disso, é o grande número de reportagens sobre Pellegrini nas datas em que ele recebeu prêmios e outras oblações. Em 2001, quando recebeu o Jabuti pela segunda vez, na categoria romance, por *O Caso da Chácara Chão* (PELLEGRINI 2000), Pellegrini concedeu entrevista ao Jornal de Londrina, jornal local da cidade onde o escritor nasceu, na qual o repórter o chama de incansável e com uma (LEMES, 2001: 1) “ética surpreendente em tempos de literatura globalizada”. A reportagem, além de enaltecer o talento do escritor, fala de outros assuntos, como o comunismo refenho abandonado por Pellegrini com o passar dos anos e da dificuldade dos escritores em sobreviver apenas escrevendo. Já a reportagem da Folha de Londrina é mais incisiva nas colocações classificando Pellegrini de (GROTA, 2001: 1) “devastador e polêmico” ou “Tão árido como a realidade ou simplesmente explosivo como o cinema humanista de Sam Peckinpah”. O jornal Folha de São Paulo também faz referência a Pellegrini pelo nome entre os agraciados com o Prêmio Jabuti de 2001, porém, a reportagem diz que foi uma surpresa a indicação do nome do autor paranaense, embora o próprio jornal faça menção ao primeiro Jabuti de Pellegrini em 1977. (ANGIOLILLO, 2001: 5)

Entre os ganhadores deste ano, um nome gera certa surpresa. É o de Domingos Pellegrini, cujo ‘O Caso da Chácara Chão’ foi escolhido o melhor romance de 2000. Apesar de já ter sido reconhecido pelo concurso uma vez – em 77, com o volume de contos ‘O Homem Vermelho’, sua estréia literária –, o autor paranaense, 51, concorria

com Milton Hatoum e Patrícia Melo, nomes mais firmados no mercado.

Percebe-se nitidamente como o critério do jornal para que determinado autor seja reconhecido pelo trabalho é o número de exemplares vendidos, já que a reportagem fala de “nomes firmados no mercado”. Por esse motivo, a Folha de S. Paulo publicou outra reportagem no dia 11 de abril, portanto, pouco mais de um mês antes da noite de entrega do Prêmio Jabuti, divulgando que a Câmara Brasileira do Livro, que organiza o Prêmio, havia divulgado os vencedores em cada categoria, e que a expectativa era para a escolha do Prêmio de Melhor Livro do Ano. O jornal mencionou a lista dos vencedores em cada categoria e colocou “os possíveis vencedores” na visão do periódico. (ANGIOLILLO, 2001: 3)

O que é melhor? A saga familiar amazonense de "Dois Irmãos" ou o tráfico dos morros cariocas de "Inferno"? Os contos de "Invenção e Memória" ou os poemas de "O Rumor da Noite"? Os autores dos livros acima – respectivamente, Milton Hatoum, Patricia Melo, Lygia Fagundes Telles e Lêdo Ivo – estão entre os vencedores do Prêmio Jabuti 2001, anunciados ontem pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), em São Paulo.

O nome de Pellegrini aparece na lista dos vencedores de cada categoria e nas palavras da escritora Patrícia Melo (ANGIOLILLO, 2001: 3) “Eu me sinto completamente em boa companhia. Admiro tanto o Milton Hatoum quanto o Domingos Pellegrini. Vai ser páreo duro”.

Na divulgação do primeiro Prêmio Jabuti, em 1977, Pellegrini foi citado pelo jornal Folha de Londrina que afirmou (BULIK, 1977: 3)

Aos 28 anos de idade, dois livros editados e constando de diversas antologias de contos e poesias, Domingos Pellegrini Júnior (Dinho para os amigos), já desponta no cenário nacional e inegavelmente tem seu nome assegurado nas letras brasileiras. Seu livro O HOMEM VERMELHO mereceu o Prêmio Jabuti (escolhido por uma comissão julgadora de 13 críticos literários de diferentes estados e com votos enviados por carta) e foi apontado pela revista Veja como um dos 10 melhores do ano em 1977.

Percebe-se como o jornal já considera Pellegrini um integrante do cânone literário nacional, apesar da carreira ainda incipiente e do Jabuti ser o segundo Prêmio em nível nacional recebido pelo escritor paranaense, o que pode ser aceitável na medida em que a Folha de Londrina representa os anseios e a vontade da comunidade em ver um dos seus alçado ao seletivo grupo de escritores reconhecidos em todo o Brasil. Também é importante registrar que Pellegrini ainda mantém forte vínculo com a imprensa local produzindo colunas e artigos.

Entre os autores que não citam Pellegrini Júnior em suas obras de compilação e formação do cânone nacional, seja na poesia, no romance, nos contos ou na crônica, está Temístocles Linhares, José Aderaldo Castelo e Alfredo Bosi. Na obra *22 diálogos sobre o conto brasileiro atual* (LINHARES 1973) o professor curitibano não cita Pellegrini Júnior pela data de publicação. Linhares faz um apanhado de contistas já consagrados na época, como Guimarães Rosa, mas não deixa de citar o trabalho de autores como

Maria Cecília Caldeira. Também pelo distanciamento histórico e geográfico, não há referência a Pellegrini nas obras de Castelo. Em *Textos que interessam a história do Romantismo* (CASTELO 1960) e *Antologia do ensaio literário paulista* (CASTELO 1959) o autor trata de épocas distantes da vivida pelo autor paranaense, além do fato de falarem de autores paulistas em alguns casos. Já Bosi publicou duas obras que devem ser destacadas. *O conto brasileiro contemporâneo* (BOSI 1975) e *História concisa da literatura brasileira* (BOSI 1994). No primeiro, o autor reúne alguns contos de 18 escritores brasileiros, entre eles Guimarães Rosa, Moreira Campos, Lygia Fagundes Telles e Dalton Trevisan. Como o primeiro livro de contos de Pellegrini Júnior é de 1977, *O Homem Vermelho* (PELLEGRINI 1977a), portanto, não seria possível citar o escritor paranaense. No entanto, em *História concisa da literatura brasileira* (BOSI 1994), Bosi cita mais de duas centenas de nomes de autores que têm uma certa representação na literatura nacional, mas não cita Pellegrini, em um livro de 1994, quando o escritor londrinense já havia publicado algumas de suas melhores obras, como *As sete pragas* (PELLEGRINI 1979) e *Os meninos* (PELLEGRINI 1977b), e já havia ganho prêmios de relevância nacional.

Na mesa linha de antologias, Ítalo Moriconi escreveu *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX* (MORICONI 2002), que não vem a ser uma reunião dos melhores textos poéticos brasileiros na opinião do autor, mas reflete a visão do mesmo sobre os autores que se destacaram na produção poética brasileira do século passado. Não por acaso, portanto, o professor carioca cita Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e outros autores renomados e notadamente pertencentes ao cânone poético brasileiro. O paranaense Paulo Leminski também foi destacado e classificado como poeta concretista, ou nas palavras de Moriconi, (MORICONI 2002: 119) “poeta *trickster*, mediador, (que) faz o elo entre todas as vertentes surgidas no panorama poético pós-*pop* brasileiro”. Porém, Ítalo não faz menção a Pellegrini, que publica poesias deste a década de 80 em revistas e livros, como *Tempero do tempo* (PELLEGRINI 2002), uma coletânea de poesias marcadamente líricas. Este posicionamento de Moriconi vem de encontro ao que Hohlfeldt disse no final da década de 80 (HOHLFELDT 1988: 191) “(Pellegrini) também vem produzindo boa poesia, embora seu forte seja a ficção curta”.

Já o autor Sílvio de Castro não faz uma antologia ou um estudo de períodos literários como Ítalo Moriconi, Alfredo Bois ou Domício Proença Filho. Castro escreve *Teoria e política do Modernismo brasileiro* (CASTRO 1979), no qual afirma quais são as origens históricas do Modernismo brasileiro, teoriza as vertentes européias que foram determinantes para a formação do período literário que deu origem a Semana de Arte Moderna e também discute os aspectos políticos relacionados ao Modernismo e ao momento que o Brasil passava durante a criação do movimento literário. Certamente por ter sido escrito em 1979 e pelo fato de ser uma obra dedicada a falar de aspectos políticos e históricos do Modernismo, ou seja, um período literário que Pellegrini não está inserido, Castro não cita o autor londrinense.

REFERÊNCIAS

ANGIOLILLO, Francesca. Jabuti premia seus vencedores esta noite. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 maio 2001. Ilustrada, p.5.

_____. CBL anuncia os ganhadores do Prêmio Jabuti 2001. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 abr 2001. Ilustrada, p.3.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix: EDUSP, 1975.

BHABHA, Homi K. (org.). **Nation and narration**. London, New York: Routledge, 1990.

BULIK, Linda. Em busca de uma literatura poética, sensual e crítica. **Folha de Londrina**, Londrina, 29 jan 1978. Primeiro Caderno, p. 3.

CASTELO, José Aderaldo. **Textos que interessam à história do Romantismo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, [1960].

_____. **Antologia do ensaio literário paulista**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, [1959].

CASTRO, Sílvio. **Teoria e política do modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1979.

COUTINHO, Eduardo. “Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e Questionamento do Cânone.” **Revista Brasileira de Literatura Comparada** 3 (1996): 67-73.

GROTA, Rodrigo. Pellegrini, premiado. **Folha de Londrina**, Londrina, 18 de maio 2001. Caderno Cultura, p.1.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “História da literatura: fragmento de uma totalidade desaparecida”. **Histórias de Literatura: as novas teorias alemãs**. Ed. Heidrun Krieger Olinto. São Paulo: Ática, 1996.

HOHLFELDT, Antonio. **Conto brasileiro contemporâneo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LEMES, Francismar. Dinho, o incansável. **Jornal de Londrina**, Londrina, 18 de maio 2001. Caderno Cultura, p.1.

LINHARES, Temístocles. **22 diálogos sobre o conto brasileiro atual**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973.

LUCAS, Fábio. O conto do Brasil moderno. In: PROENÇA FILHO, Domício (org.). **O livro do seminário: ensaios**. São Paulo: L.R editores, 1983.

MIRANDA, Wander Melo. “Nações literárias”. **Revista Brasileira de Literatura Comparada** 2 (1995): 31-38.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. (org). **Os cem melhores contos do século**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

PELLEGRINI, Domingos. **O homem vermelho: contos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977a.

_____. et al. **Histórias de um novo tempo: novíssimo conto brasileiro**. Rio de Janeiro: Codecri, 1977.

_____. **Tempero do tempo**. Londrina: Terra Vermelha, 2002.

_____. **Os meninos**. São Paulo: Vertente, 1977b.

_____. **O Caso da Chácara Chão**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **As sete pragas: contos e novelas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. **Informações eletrônicas** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lucasaraujo@sercomtel.com.br> em 23 jun. 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Estilos de época na literatura**. Rio de Janeiro: Linceu, 1972.

_____. **Estilos de época na literatura**. Rio de Janeiro: Ediex, 1967.

_____. **Pós-modernismo e literatura**. São Paulo: Ática, 1995.

SAMWAYS, Marilda Binder. **Introdução à literatura paranaense**. Curitiba: Livros HDV, 1988